



**INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
PÓS-GRADUAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL**

ALEKSANDRO NUNES DO NASCIMENTO

**ACESSIBILIDADE LINGUÍSTICA E DIGITAL PARA ESTUDANTES
SURDOS/AS: AMBIENTAÇÃO DE FERRAMENTAS TECNOLÓGICAS DO
GOOGLE SALA DE AULA COM O USO DA CARTILHA PARA SURDOS**

ARAPIRACA, AL

2022

ALEKSANDRO NUNES DO NASCIMENTO

**ACESSIBILIDADE LINGUÍSTICA E DIGITAL PARA ESTUDANTES
SURDOS/AS: AMBIENTAÇÃO DE FERRAMENTAS TECNOLÓGICAS DO
GOOGLE SALA DE AULA COM O USO DA CARTILHA PARA SURDOS**

Artigo científico apresentado ao Curso de pós-graduação em Docência do Ensino Superior do Instituto Federal de Alagoas/UAB, como requisito parcial para obtenção do título de especialista em Docência na Educação Profissional.

Orientador: Prof. Dr. Diogo dos Santos Souza

ARAPIRACA, AL

2022



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Instituto Federal de Alagoas
Campus Arapiraca

N244a

Nascimento, Aleksandro Nunes do.

Acessibilidade linguística e digital para estudantes surdos/as: ambientação de ferramentas tecnológicas do google sala de aula com o uso da cartilha para surdos / Aleksandro Nunes do Nascimento. – 2022.

1 PDF: il., color. ; (1 arquivo: 1 MB).

Arquivo digital no formato PDF do trabalho acadêmico com 29 folhas.

Orientação: Prof. Dr. Diogo dos Santos Souza.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como artigo científico, (especialização, pós-graduação em Docência na Educação Profissional) – Instituto Federal de Alagoas, *Campus Arapiraca*, Arapiraca, 2022.

1. Educação inclusiva. 2. Acessibilidade. 3. Surdez - Estudantes. I. Título.

CDD: 37.9

Luciete Barbosa da Silva
Bibliotecária - CRB-4/19

ALEKSANDRO NUNES DO NASCIMENTO

ACESSIBILIDADE LINGUÍSTICA E DIGITAL PARA ESTUDANTES
SURDOS/AS: AMBIENTAÇÃO DE FERRAMENTAS TECNOLÓGICAS DO
GOOGLE SALA DE AULA COM O USO DA CARTILHA PARA SURDOS

Artigo científico apresentado ao Curso de pós-graduação em Docência do Ensino Superior do Instituto Federal de Alagoas/UAB, como requisito parcial para obtenção do título de especialista em Docência na Educação profissional

Orientador: Prof. Dr. Diogo dos Santos Souza

Aprovado em: 16/12/2021

BANCA EXAMINADORA

Diogo dos Santos Souza

AVALIADOR 1

Ana Paula S. de Melo Fica

AVALIADOR 2

Charmidy Max Tonter Pinto

AVALIADOR 3

ACESSIBILIDADE LINGUÍSTICA E DIGITAL PARA ESTUDANTES SURDOS/AS: AMBIENTAÇÃO DE FERRAMENTAS TECNOLÓGICAS DO GOOGLE SALA DE AULA COM O USO DA CARTILHA PARA SURDOS

Aleksandro Nunes do Nascimento¹

RESUMO

Após a suspensão do calendário de atividades presenciais, ocorrida em virtude da crise sanitária instaurada pela pandemia do novo coronavírus, foi necessário que se pensasse, em um curto período de tempo, em formas de dar continuidade às aulas de forma online. A partir dessa necessidade, identificamos que os/as alunos/as surdos/as do Instituto Federal de Alagoas (Ifal) – Campus Marechal Deodoro enfrentavam dificuldades quanto a usabilidade do ambiente do *G Suíte For Education*, refletindo, desse modo, no aprendizado. Iniciamos as primeiras reflexões em torno da acessibilidade linguística e Educação Inclusiva, discussões basilares para a acessibilidade digital. Em seguida, considerou-se a confecção de uma cartilha que demonstrasse visualmente o roteiro de acesso ao ambiente do G Suíte For Education, indicando os caminhos dos recursos mais utilizados no Ensino Remoto Emergencial (ERE). A confecção cartilha intenta possibilitar que os alunos/as surdos/as do Ifal possam obter orientações básicas de entrada em algumas ferramentas do G Suíte For Education, auxiliando-os/as na condução e usabilidade do ambiente virtual que foi adotado no período pandêmico. Logo, esperou-se resultados positivos quanto ao aprendizado e, sobretudo, no que diz respeito à acessibilidade digital e à utilização das ferramentas tecnológicas na atualidade, fato esse acentuado com a pandemia da Covid-19.

Palavras-chave: acessibilidade; estudantes surdos; educação inclusiva; tecnologia; google for education.

LINGUISTIC AND DIGITAL ACCESSIBILITY FOR DEAF STUDENTS: ENVIRONMENT OF GOOGLE'S TECHNOLOGICAL TOOLS CLASSROOM WITH THE USE OF THE BOOKLET FOR THE DEAF

ABSTRACT

Upon the suspension of the in-person time schedule, which occurred due to the health crisis brought about by the new coronavirus pandemic, it was necessary to think, in a short period of time, of working methods to continue the classes online. As of this need, we identified that deaf students at the Federal Institute of Alagoas - IFAL faced difficulties regarding the usability of the G Suite for Education environment, thus reflecting on their learning. Started the first debates on the feasibility of making a booklet that visually demonstrated a step-by-step that would help these students learn the needs that the G Suite for Education environment required, so that they could attend classes and carry out activities that the professors will spend during the period of health crisis brought about by the new coronavirus pandemic. The preparation of the booklet allows deaf students at IFAL to have access to material that will help them in the conduct and usability of the virtual environment that was adopted in the pandemic period, so that this has positive effects on learning and, above all, on accessibility for the access and use of technological tools today, a fact accentuated by the Covid-19 pandemic.

Keywords: accessibility; deaf students; inclusive education; technology; google for education.

¹ Graduando em Docência na Educação Profissional. Artigo científico apresentado à banca examinadora do Curso de pós-graduação do Instituto Federal de Alagoas/UAB – Arapiraca, como exigência à obtenção do título especialista em Docência na Educação profissional. Orientador: Prof. Dr. Diogo dos Santos Souza.

1 INTRODUÇÃO

A suspensão do calendário de atividades presenciais, ocorrida em março de 2020 em virtude da crise sanitária instaurada pela pandemia do novo coronavírus, forçou que se pensasse, em um curto período, em formas de dar continuidade às aulas de forma online. A partir dessa situação, o Instituto Federal de Alagoas, por meio da Resolução 50, formalizou o Ensino Remoto Emergencial (ERE) em todos os Campi que possuíam desenvolvimento de atividades voltadas para os/as discentes da Educação Básica, Ensino Superior e Pós-Graduação. É sabido que esse momento, no Brasil, infelizmente, descortinou os abismos sociais e econômicos existentes entre os/as nossas/as discentes, mostrando o quanto a exclusão digital e a ausência de aparelhos tecnológicos nas casas dos/as brasileiros/as foram fatores que promoveram o distanciamento de muitos/as estudantes das salas de aulas virtuais.

Nesse contexto, em que os/as discentes começaram a depender, praticamente de modo exclusivo, do manuseio das ferramentas tecnológicas para a concretização da realização das atividades, percebeu-se que as barreiras comunicacionais e as barreiras tecnológicas se interpuseram para a inclusão de discentes com necessidades específicas. No caso em questão, trata-se, em especial, de estudantes surdos/as, uma vez que o Ifal Campus Marechal Deodoro, no momento de desenvolvimento desta pesquisa, possuía três discentes surdos/as no ambiente escolar.

Sendo assim, vale mencionar que o Ifal adotou como plataforma digital de ensino os aplicativos do ecossistema G Suíte For Education, além da manutenção do próprio sistema digital da Instituição, o Sistema Integrado de Gestão de Atividades (Sigaa). Em ambos os espaços virtuais, por exemplo, não foi possível que um/a docente grave a sua aula (por intermédio de recursos da própria plataforma digital) juntamente com a presença do/a Tradutor/a e Intérprete de Libras e Língua Portuguesa (TILSP). Ou seja, a aula gravada para uma consulta posterior, tendo em vista que os/as estudantes não possuem a obrigatoriedade de estar presentes nos momentos síncronos, ficou restrita aos/às ouvintes, instaurando, assim, uma barreira linguística. Esse foi um primeiro ponto observado que nos fez refletir sobre a inclusão digital de estudantes surdos/as no período do ERE.

A partir do momento em que as aulas iniciaram, docentes do Campus Marechal Deodoro fizeram vídeos tutoriais, com tradução em Libras, para instruir as turmas em como manusear as ferramentas do G Suíte For Education. Todavia, observou-se que esse material, para os/as estudantes surdos/as, ainda foi insuficiente. É preciso destacar que o nível de Letramento em

Libras e Língua Portuguesa é bastante diverso entre as pessoas surdas, tendo em vista que a acessibilidade a espaços escolares que ensinam Libras para as crianças ainda é restrita a Maceió - Alagoas e, aqui, tratamos de residentes do litoral sul alagoano. Logo, viu-se a necessidade de fazer um material de suporte que dialogasse com a visualidade (elemento essencial para a formação linguística da pessoa surda) e com um português escrito em uma estrutura gramatical mais compreensível para pessoas que possuem esta língua como sua segunda língua de aquisição.

A partir dessa necessidade, iniciou-se os primeiros debates sobre a viabilidade da confecção de uma cartilha que demonstrasse visualmente um roteiro de entrada nos recursos mais acessados no G Suíte For Education: Google Sala de Aula, Google Drive, Google Meet e Google Agenda. O objetivo é que os/as estudantes surdos/as tenham mais um tutorial de orientações básicas para esse tipo de acesso, privilegiando, dessa vez, os aspectos visuais e períodos simples em Língua Portuguesa. Como a intenção é dispor esse material para o Napne Ifal, a Cartilha foi pensada sob uma perspectiva mais genérica, uma vez que a realidade das pessoas surdas na Instituição é diversa.

2 METODOLOGIA

A pesquisa é composta por uma pesquisa diagnóstica relacionada às ferramentas tecnológicas utilizadas no Ensino Remoto Emergencial, juntamente com estudos sobre temas relativos à surdez e à educação. É importante ressaltar que uma pesquisa diagnóstica é um tipo de estudo cuja finalidade principal é analisar uma determinada situação de forma abrangente. Esse tipo de pesquisa busca identificar quais fatores estão envolvidos em um determinado cenário, quais são suas características e quais são suas implicações, a fim de gerar uma ideia global do contexto do objeto de estudo e, assim, permitir que decisões sejam tomadas com base nas informações coletadas e analisadas. Ou seja, uma investigação diagnóstica se concentra principalmente na análise de situações e oferece, após essa análise, a base apropriada para a tomada de decisão. No nosso caso, a análise se concentra na acessibilidade linguística e digital para estudantes surdos, que logo após a compilação dos resultados obtidos, detectamos fatores que refletem no baixo aprendizado na utilização das ferramentas tecnológicas do google sala de aula. Para superar essa barreira da acessibilidade linguística essa pesquisa diagnóstica traz como artefato uma cartilha que visa alcançar a acessibilidade linguística nos alunos surdos do Instituto Federal de Alagoas frente aos desafios encontrados nas aulas remotas durante o período da pandemia.

Em função da pandemia, não houve uma pesquisa de campo para que o pesquisador conhecesse o contexto da pesquisa-ação que foi desenvolvida. Sendo assim, foram utilizados Formulários no Google Forms para compreender melhor as necessidades dos/as estudantes surdos/as, bem como foram realizadas reuniões entre o coordenador do Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Específicas (Napne) e o pesquisador para que se pudesse compartilhar experiências dos acompanhamentos feitos pelo Núcleo a esses/as estudantes.

3 DESENVOLVIMENTO

A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou, no dia 30 de janeiro de 2020, que a COVID-19, doença causada pelo novo coronavírus (Sars-Cov-2), constitui uma emergência de saúde pública de importância internacional, caracterizando-se como uma pandemia devido ao alto nível de infectividade. Essa nova realidade obrigou os inúmeros países afetados a implantarem uma série de medidas, visando impedir a disseminação do vírus. Como desdobramento, em fevereiro de 2020, o Ministério da Saúde do Brasil declarou emergência em saúde pública de importância nacional, em virtude da pandemia.

As intervenções necessárias nesse novo cenário envolvem o isolamento de casos, o distanciamento social, o estímulo à higienização das mãos e o uso de máscaras faciais. As medidas graduais de distanciamento social ocorreram por meio do fechamento de escolas e Universidades, proibição de eventos de massa, restrição de viagens e transportes públicos, conscientização da população para que se permaneça em casa, inclusive o fechamento indiscriminado das cidades (Lockdown), ou seja, a completa proibição da circulação nas ruas, exceto para compra de alimentos e medicamentos ou busca de assistência à saúde (Corrêa Filho & Segall-Corrêa, 2020; Aquino, et al., 2020).

O fechamento de escolas, Faculdades, Universidades e a necessidade de garantir a continuidade do processo de ensino e aprendizagem evidenciaram um esforço geral no que diz respeito à superação para o novo modelo de ensino que se construiu. No entanto, os desafios foram além, contemplando aspectos de aprendizagem dos alunos, contexto socioeconômico, cultural - além dos conteúdos, métodos, carga laboral dos professores, frequência dos alunos e ambiente de ensino -, trazendo à tona equidade educacional (Ali, 2020).

No Brasil, o processo se inicia com discussões conceituais entre os/as profissionais da Educação acerca do Ensino Remoto e da Educação a Distância. O Ensino Remoto tem caráter emergencial, que visa atender a uma demanda imprevista, na qual os professores usam

ferramentas da Tecnologia Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) como meio para obter a continuidade do ensino, mantendo as metodologias de ensino utilizadas na educação presencial, fundamentada, primordialmente, na transmissão de conhecimentos, por meio de aulas expositivas e exercícios para fixação do conteúdo (Silveira *et al*, 2019).

O Ensino Remoto Emergencial (ERE) e a Educação a Distância (EAD) não podem ser compreendidos como sinônimos, em especial quando pensamos na Educação Inclusiva, pois outras demandas são adicionadas ao planejamento da presença de estudantes com necessidades específicas em ambientes virtuais. Por isso, é muito importante, no contexto em que estamos vivendo, esmiuçar esses conceitos. O termo “remoto” significa distante no espaço e se refere a um distanciamento geográfico.

O ensino é considerado remoto porque os/as professores/as e alunos/as estão impedidos por decreto de frequentarem instituições educacionais para evitar a disseminação do vírus. Foi preciso pensar em atividades pedagógicas mediadas pelo uso da tecnologia em rede, pontuais e aplicadas em função das restrições impostas pela covid-19 para minimizar os impactos na aprendizagem advindos do ensino presencial. Essas medidas descortinaram alguns problemas no universo das ferramentas tecnológicas, que demonstrou ser um espaço direcionado a um modelo de estudante ideal, cuja discussão aprofundaremos essa discussão.

Ainda na reflexão sobre as modalidades de ensino, é bom destacar que a Educação a Distância é uma modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes, tutores/as e professores/as desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos. Ou seja, ela possui um modo de funcionamento com uma concepção didático-pedagógica própria, tendo outros suportes de auxílio, diferentemente do ERE. Esta abrange conteúdos, atividades e todo um design adequado às características das áreas dos conhecimentos gerais e específicos, contemplando o processo avaliativo discente.

Logo, é possível afirmar que o ERE, ao ser comparado com a EAD, não possui todo o aparato de recursos e equipe necessários para conduzir de modo satisfatório a efetivação dos processos de ensino e aprendizagem. Ao se cogitar os/as estudantes surdos/as nesse contexto, a situação se reconfigura para um patamar ainda mais delicado, visto que, dado ao caráter emergencial da situação, questões relativas à acessibilidade digital, por exemplo, não foram pensadas de uma forma que garantisse integralmente à inclusão nas salas de aulas virtuais.

Nas últimas décadas, foi notório o crescimento da tecnologia da informação, os avanços dos computadores no que tange ao processamento e armazenamento das informações, hardware, equipamentos de redes, assim como os sistemas operacionais e softwares amplamente utilizados nos mais diversos nichos, em destaque nos ambientes educacionais. A tecnologia faz-se presente no nosso dia a dia e isso é o que cientificamente conceituamos como computação ubíqua, ou seja, a onipresença da tecnologia no cotidiano das pessoas, tendo professores e alunos em contato direto com computadores, smartphones, tablets constroem novos processos educacionais mediados por espaços virtuais que nos instigam a pensar em novas formas de aprender. Por outro lado, é preciso considerar que a inclusão nesse meio ainda não possui a presença esperada para as ferramentas tecnológicas serem mais acessíveis à população surda.

Pensando no que foi apontado anteriormente, utilizamos como exemplo o G Suíte For Education e a sua utilização no Ifal Campus Marechal Deodoro. Primeiramente, vale salientar que a Resolução 50 do Ifal, documento que dispõe das orientações do Ensino Remoto Emergencial, diz que os/as estudantes devem ter acesso às aulas gravadas, uma vez que os momentos síncronos não preveem a obrigatoriedade da presença dos/as discentes.

Todavia, não é possível atender a essa demanda, pois a gravação da aula apenas disponibiliza uma única janela, ou seja, apenas quem está apresentando fica visível. Nesse caso, é necessário que se crie um recurso que compreenda que a presença do Tradutor e Intérprete de Libras – Língua Portuguesa deve ser inserida como um destaque em tela para que esteja disponível na gravação do momento posteriormente. O Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (Sigaa) também não dispõe desse recurso em sua aba de “Webconferência”.

Mais recentemente, o Google Meet adquiriu um novo recurso: a legendagem em Língua Portuguesa. Porém, esse recurso não surtiu efeitos positivos na comunidade surda, tendo em vista que o nível de competências e habilidades no português escrito difere bastante entre os/as surdos. Nessa plataforma digital, as legendas das falas são literais, com variadas inadequações de uso de pontuação e grafia das palavras, fato que prejudica a leitura e a compreensão do texto. Deve-se lembrar aqui que a língua portuguesa escrita para as pessoas surdas tem como base a Libras. Sendo assim, a estrutura oracional não segue os moldes tradicionais gramaticais, necessitando, logo, de adaptações para esse processo de legendagem. Nessa atmosfera, é válido discutir também o modo como se pensa as tecnologias assistivas no contexto da educação:

Podemos afirmar, então, que a tecnologia educacional comum nem sempre será assistiva, mas também poderá exercer a função assistiva quando favorecer de forma significativa a participação do aluno com deficiência no desempenho de uma tarefa escolar proposta a ele. Dizemos que a tecnologia é assistiva quando percebemos que, retirando o apoio dado pelo recurso, o aluno fica com dificuldades de realizar a tarefa e está excluído de participação” (BERSCH, 2017, p. 12)

No caso dos recursos utilizados do G Suíte For Education no contexto educacional, pode-se afirmar que a forma como as ferramentas são apresentadas (layout e visualidade) favorecem um acesso intuitivo à navegação de ferramentas como o Google Meet, o Google Drive e o Google Agenda, por exemplo. Por outro lado, quando pensamos na ausência de um modo de gravação em que se permaneça mais de uma tela, sendo, então, uma de Tradução em Libras, notamos a necessidade de refletir o quanto é relevante compreender esse ambiente virtual como uma tecnologia assistiva, uma vez que essas lacunas em seus recursos operam contra a acessibilidade linguística.

No bojo dessas discussões, observa-se que alguns professores/as e alunos/as possuem competências relacionadas ao uso de TDIC's, e até mesmo estão confortáveis aplicando ensino híbrido em suas instituições de ensino, mas essa não é uma realidade para a grande maioria. O papel do/a professor/a, nesse novo contexto de ensino e aprendizagem, precisou ser revisto e atualizado, visando manter a qualidade da educação, mesmo nesse atual cenário catastrófico. Da mesma maneira, Instituição e estudantes também precisaram rever seus papéis nesse processo. Nesse ponto, destaca-se a importância da interação entre docente e Tradutor e Intérprete de Libras/LP (TILSP) no ambiente virtual, como, por exemplo, a verbalização de perguntas e comentários no chat para a tradução em Libras.

Da mesma forma que o/a TILSP somente presta atenção no docente para a sinalização, o/a discente dirige o seu olhar para as janelas do/a docente e do/a TILSP. Este último é o profissional que apresenta competência para realizar a tradução de textos envolvendo diferentes suportes de registro (escrita, vídeo, etc.) e a interpretação de interações face a face, envolvendo a Libras e a LP de maneira simultânea ou consecutiva. Logo, no ambiente virtual com pessoas surdas, deve-se ater para esses detalhes para que o/a estudante surdo/a não perca informações nesse processo de interação. Esse tipo de situação veio à tona com o ERE, fato que demonstra que a inclusão digital é um caminho em construção em virtude das novas configurações de comunicação que se estabeleceram em tempos pandêmicos.

A mediação do ensino e aprendizagem através das TDIC's nas aulas remotas exigiu do professor um papel muito mais ativo com as mídias, e grande parte não estava preparada para isso. O desgaste emocional ocasionado pela pandemia, a falta de experiências com o uso de TDIC's, as dificuldades de planejamento de atividades para serem elaboradas nesse novo formato digital foram muito desgastantes e impulsionaram um momento de grande tensão educacional. Por outro lado, o/a discente também encontrou muitas dificuldades, como: a falta de acesso a um dispositivo para assistir as aulas remotas, a falta de uma conexão de internet, ou uma conexão lenta e desmotivação causada pela pandemia por poder ir à escola foram alguns dos problemas encontrados no Ensino Remoto Emergencial.

Além disso, para os/as estudantes surdos/as, vale mencionar que o acesso à informação foi mais lento quando comparado aos/as ouvintes, já que nem todas as comunicações oficiais do Ifal foram feitas com tradução em Libras. Para a construção de uma Escola Inclusiva, todos os materiais referentes à vida escolar do/a discente surdo/a precisam estar em sua primeira língua, porém, nessa Instituição de Ensino, ainda não há profissionais especializados para atuarem nos acompanhamentos fora da sala de aula.

Diante disso, o/a professor/a passa a agir como mediador/a, facilitador/a e motivador/a do/a estudante nesse processo, tendo que encontrar soluções cada vez mais criativas para o ensino, redefinindo o seu papel docente e agregando às práticas de ensino e aprendizagem novas formas de aquisição de conhecimento, de maneira rápida e significativa como a situação atual exige. A utilização de jogos virtuais foi um instrumento pensado para configurar, de modo mais atraente, as aulas remotas, estimulando a interação e entendendo a ludicidade como um elemento essencial para o processo de ensino e aprendizagem.

Para os/as estudantes surdos/as, o trabalho com a visualidade em materiais didáticos é uma forma de oferecer acessibilidade linguística, uma vez que as habilidades com o português escrito variam bastante dentro da comunidade surda. Deve-se frisar ainda que as Línguas de Sinais são visuais-espaciais e, por isso, trabalhar a visualidade é uma forma de incorporar um traço da Libras nas atividades pedagógicas, criando mais caminhos para o processo de aprendizagem.

As ferramentas digitais possibilitam várias formas de uso, como utilizar a Plataforma do Google Classroom, o Whatsapp, o Zoom, o Meet, entre outras. A partir do uso das TDIC's no Ensino Remoto Emergencial, possibilitou-se que alunos/as e professores/as continuassem suas interações educacionais, o que facilitou o acesso dos/as estudantes aos materiais produzidos pelo corpo docente. O uso integrado da tecnologia possibilita a utilização de

recursos síncronos (que acontece simultaneamente) e assíncronos (que acontece em momentos distintos) para veicular a informação através da mídia impressa, escrita e falada.

Por outro lado, a utilização das TDIC's não garante a constituição de ambientes de aprendizagem. De uma forma mais estruturada, o/a professor/a é considerado/a mediador/a das atividades livres ou espontâneas enquanto as atividades dirigidas ou focadas requerem um/a orientador/a que intervenha nas atividades, propondo desafios, colocando dificuldades progressivas para promover o desenvolvimento e fixar a aprendizagem. Entretanto, um aspecto que deve ser levado em conta são as disparidades sociais, estruturais, econômicas e políticas da sociedade brasileira, além do acesso à educação entre redes particulares e redes públicas de ensino no Brasil, já que durante esse período, tornou-se ainda mais evidente, o que resultou em alunos/as marginalizados/as no Ensino Remoto Emergencial e conseqüentemente do processo de ensino e aprendizagem. Para tais alunos, o ERE não foi de fato efetivo.

No universo do Ensino Remoto e da Educação a distância, destacaremos o processo de ensino e aprendizagem dos/as estudantes surdos/as. Contudo, é imprescindível que conheçamos as características que compõe o perfil desses/as alunos/as, de modo que tenhamos condições de avançar nos estudos, contribuindo, assim, para a qualidade dos resultados relacionados à educação e à tecnologia que acompanham esses alunos/as surdos/as no ensino remoto.

Os estudos sobre as pessoas surdas são importantes para que possamos compreender as características que norteiam suas vidas, a importância de oferecer cursos que possam contribuir com os seus aprendizados, estabelecendo, assim, uma comunicação padronizada. Nesse contexto, vários estudos e iniciativas foram avançando ao redor do mundo. Na vanguarda, os Estados Unidos e o Reino Unido, em meados da década de 60, começaram as primeiras pesquisas sobre a linguística das línguas de sinais. Os estudos linguísticos das línguas de sinais iniciaram com Stokoe (1960). Este autor apresentou uma análise descritiva da língua de sinais americana revolucionando a linguística na época, pois, até então, todos os estudos linguísticos concentravam-se nas análises de línguas faladas.

Pela primeira vez, um linguista estava apresentando os elementos linguísticos de uma língua de sinais. Assim, as línguas de sinais passaram a serem vistas como línguas de fato. Essas pesquisas tinham como propósito a estrutura que seria estabelecida para a formação no campo da educação dos surdos. Na década de 80, houve grandes avanços nos estudos surdos, algumas universidades dos EUA lançaram programas de Graduação que visavam compreender a comunidade surda, aspectos culturais, sociológicos, seus comportamentos, suas histórias de

comunidade, fomentando ainda mais o desenvolvimento de um modelo que contemplasse a educação de pessoas com deficiência auditiva.

No entanto, mesmo que o cenário apontado acima seja animador, a realidade brasileira demorou para avançar nos estudos surdos, tendo os seus primeiros cursos de Licenciatura em Universidades Federais lançados nos anos 2006, bem como a obrigatoriedade da disciplina “Fundamentos de Libras” nos cursos de formação docente. A Lei nº 10.436/2002 dispõe que os sistemas educacionais federal, estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, em seus níveis médio e superior, do ensino de Libras, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais.

O Decreto 5.626/2005 também torna obrigatório o ensino da Língua Brasileira de Sinais nos cursos de formação de professores e a educação bilíngue nas escolas onde estejam matriculados alunos/as com deficiência auditiva. O documento também obriga os órgãos públicos a terem Tradutores/as e Intérpretes de Libras para facilitar o atendimento aos cidadãos/ãs surdos/as. Tais iniciativas corroboram para uma inserção, ainda que introdutória, no universo surdo, algo que precisa ser feito antes de haver a necessidade real de comunicação com uma pessoa surda:

Pelo fato de a língua de sinais não ser compartilhada por muitos professores e alunos ouvintes, a criança surda geralmente está em desigualdade linguística no ambiente escolar. Em muitos casos, o aluno surdo, ao ser inserido em uma sala de ouvintes, não consegue contemplar os aspectos relativos à sua identidade e cultura, pois a metodologia de ensino, o currículo e a cultura são sempre dos ouvintes (COLLUCCI, 2017, p.224)

Para a educação de pessoas surdas, entende-se como relevante pensar a educação bilíngue no sentido de evitar situações de “desigualdade linguística”. A presença do/a Tradutor/a e Intérprete de Libras – Língua Portuguesa e as adaptações curriculares garantem a promoção da Educação Inclusiva, que prevê a equidade de oportunidades para que ouvintes e surdos/as possam participar efetivamente do processo de ensino e aprendizagem. Porém, a escola também é convivência, troca de afetos e construção de laços que vão além do currículo. Infelizmente, a pessoa surda é tolhida desse contexto quando ela está inserida em um espaço no qual poucas pessoas compartilham da sua língua materna e da sua cultura.

Ter conhecimento sobre a história, bem como sobre as filosofias e métodos educacionais criados para os alunos com surdez, permite a compreensão da relação existente entre o

comprometimento linguístico dessa população, a qualidade das suas interações interpessoais e o seu desenvolvimento cognitivo. A história serve de suporte para que seja feita uma análise crítica das consequências de cada filosofia ou método de ensino no desenvolvimento destas crianças, contextualizando as práticas vigentes. Assim, os seus momentos de interação e comunicação são restritos e, conseqüentemente, há uma predominância da língua portuguesa escrita num modelo que não dialoga com a Libras:

Na língua portuguesa, há também um fator emocional em jogo, que diz respeito a uma memória muito negativa retratada a partir da experiência de vários alfabetizados. Uma aluna surda contou que sempre que ela tem que escrever fica muito nervosa, tem vergonha de errar, resiste, não tem prazer ao fazê-lo e sempre fica preocupada com as reações de quem vai ler o que ela escreve. Curiosamente, disse-me que a relação com a língua inglesa é diferente. Reconhece que sabe muito menos inglês do que português, mas que se sente mais à vontade para usar a língua inglesa. Esse relato é representativo, em certa medida, dos traumas vividos pelos surdos na aprendizagem do português (GESSER, 2009, p. 56).

A Educação Inclusiva no contexto das pessoas surdas possui o compromisso de pensar a língua portuguesa tendo como base a Libras, uma vez que o/a estudante aprenderá o português escrito por meio de suas habilidades na língua de sinais. Logo, materiais didáticos e avaliações precisam ser adaptadas para que a língua portuguesa não se torne um empecilho para o desenvolvimento de competências nas disciplinas estudadas, fato que pode comprometer todo o processo de aprendizagem do/a estudante surdo/a. Chamamos a atenção para o aspecto linguístico, pois a língua perpassa por tudo que chega ao/à discente. Inclusive, a proposta de criar uma cartilha de orientações básicas para alguns recursos do G Suíte For Education nasceu do desejo de construir um tutorial com foco na visualidade e com um português escrito adaptado.

Há um outro ponto que precisa ser colocado em pauta: o estudante surdo/a será inserido, quando concluir a sua Educação Básica e Superior, em um mundo de ouvintes. Se a escola o instruir/a aprender a língua portuguesa escrita de uma maneira adaptada ao seu desempenho linguístico em Libras, poderia haver um dano no processo de interação e comunicação com pessoas ouvintes que possuem um outro referencial de expressão? Da mesma forma que a pessoa surda, desde a sua infância, esforça-se para ser integrada em um mundo em que a sua língua materna não é a predominante, acreditamos que os/as ouvintes devem redesenhar o modo como compreendem a língua portuguesa escrita dos/as surdos/as, olhando-a como uma

estrutura que se configura em cultura específica. É assim que notamos que a acessibilidade linguística é um campo que diz respeito a questões que estão além do ato de comunicar:

Na falta de um acesso a um idioma, seja por motivos sensoriais ou sociais, alguém fica com a sua capacidade narrativa muito empobrecida, sua ação do mundo, reduzida. Ele pode ser diminuído como falante e encontrará dificuldades de se realizar criativamente como nomeador de si, do não-ser e do mundo. Sem compreensão linguística, a plena criação de si e de mundo fica severamente prejudicada (LUZ, 2013, p. 51)

O exercício de se expressar em sua própria língua, ou em uma segunda língua que leve em consideração a língua materna, é um direito da pessoa surda que atravessa a sua formação humana, escolar, leitora e cidadã. Ofertar a possibilidade de um estudante surdo/a responder a uma avaliação em Libras ou construir uma aula baseada na expressão de conceitos por meio da visualidade é uma forma de validar que a presença desse sujeito na sala de aula não é incômoda ou invisível, e sim um caminho para se pensar a diversidade dos modos de ensinar. Promover esse espaço na Escola Inclusiva é fazer com que o/a discente surdo possa, ao se tornar um egresso/a, dizer que possuiu, na sala de aula, uma história que valorizou a sua língua, identidade e cultura. Sabe-se que é a partir da circulação dessas narrativas de inclusão que outras pessoas surdas se sentem mais estimuladas para frequentar a escola.

O preâmbulo apresentado até agora corresponde às reflexões sobre acessibilidade linguística, visto que admitimos a assertiva de que as questões linguísticas são anteriores e basilares para se discutir a inclusão digital. Isto posto, iremos agora para uma passagem específica da Lei Brasileira da Inclusão (LBI ou Estatuto da Pessoa com Deficiência) que conceitua a “tecnologia assistiva” no Artigo 74 do documento, numa passagem em que elenca os recursos indispensáveis para a construção da inclusão escolar: “é garantido à pessoa com deficiência acesso a produtos, recursos, estratégias, práticas, processos, métodos e serviços de tecnologia assistiva que maximizem sua autonomia, mobilidade pessoal e qualidade de vida”.

Nessa perspectiva, idealizou-se fazer a Cartilha de Orientações Básicas para o Google Sala de Aula, a fim de produzir um recurso que oferecesse mais autonomia ao/à estudante surdo/a em buscar informações em um tutorial constituído por meio de uma estratégia de expressão de informações vinculadas às habilidades linguísticas da pessoa surda: textos cursos e imagens ilustrativas. Num momento de Ensino Remoto Emergencial, é de extrema importância garantir esses tipos de acesso, tendo em vista que:

Um novo cenário comunicacional ganha centralidade. Ocorre a transição lógica da distribuição (transmissão) para a da comunicação (interatividade). Isso significa modificar radicalmente o esquema clássico da informação, baseado na ligação unilateral emissor-mensagem-receptor [...]. A sociedade das redes interativas situa uma mudança no estatuto do aluno na medida em que de receptor passivo, ele assume um protagonismo de participação e intervenção no contexto educacional (MIKLOS, 2017, p. 296).

No novo cenário comunicacional advindo da pandemia (vale frisar, um cenário que veio forçadamente e sem avisos prévios), a interatividade assume uma posição central e, com isso, a língua também. Se o/a estudante surdo/a não possui os mesmos recursos para conhecer as ferramentas tecnológicas e manuseá-las, o instrumento que, até então, foi planejado para aproximar os/as discentes em ambiente virtual torna-se uma barreira de exclusão. Para alcançarmos o mesmo nível de protagonismo entre estudantes ouvintes e surdos/as, é preciso refletir, antes do trabalho com as ferramentas tecnológicas, se ela está acessível ou não para a pessoa surda. Se essa situação somente for cogitada após uma possível queixa do/a discente de não compreensão, a acessibilidade ocorrerá numa temporalidade posterior. Esse descompasso de tempo desloca o/a estudante surdo para um plano de coadjuvante, desmerecendo a sua participação inicial em virtude de sua necessidade específica.

4 FERRAMENTAS TECNOLÓGICAS NA PRÁTICA DOCENTE E DISCENTE

As Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC's) referem-se um universo de artefatos tecnológicos, que vão desde equipamentos de hardware e software, redes de computadores, ecossistema computacional em nuvem e tantos outros meios que norteiam a sociedade atual, solicitando novos posicionamentos na atual conjuntura social, sobretudo no ambiente escolar. A meta do professor da atualidade é formar cidadãos capazes de criar e participar com senso crítico, ou seja, prepará-los para o mercado de trabalho e, principalmente, para esta sociedade moderna, que exige muito de todos, em diversos aspectos.

Em virtude desse processo tecnológico, as práticas de ensino que acompanharam os/as professores/as por muitos anos devem ser reinventadas para que possam contribuir para este novo processo de ensino e aprendizagem. As inovações nas aulas são consideradas uma nova prática de ensino e auxiliam no processo ensino e aprendizagem, uma vez que o/a discente e o/a docente têm acesso a novas ferramentas que facilitarão este processo.

A escola está inserida neste universo que está em constante mudança, tendo a responsabilidade de contribuir para construção deste novo modelo, incorporando novos hábitos

de comportamento em busca de atender as necessidades que irão surgir durante nesta caminhada, posto que o/a aluno/a tem acesso a diferentes assuntos, não somente em sala de aula, pois os meios de comunicação são muitos. Logo, cabe a escola ensiná-lo a ser crítico/a, criativo/a e inovadores/as com diversas culturas.

As novas tecnologias de informação e comunicação são ferramentas que possibilitam a formação contínua, podendo ser à distância ou presencial, e servem tanto para os alunos quanto para os professores, agindo diretamente nas percepções e valores dos indivíduos.

O Ifal manteve o vínculo institucional com seus estudantes, primeiramente com a autorização das atividades acadêmicas por meio do ERE, a partir da deliberação nº 58/2020 e das diretrizes institucionais, instituídas na resolução nº 50/2020. Em um segundo momento, foram estabelecidos mediação das tecnologias digitais, a fim de garantir atendimento acadêmico durante o período de restrições, enquanto não for possível a presença física de estudantes e servidores no ambiente institucional. A realização do ensino remoto emergencial visa promover o vínculo com estudantes, diminuindo, assim, o impacto do rompimento de aprendizagem presencial.

Aos/às docentes e aos/às estudantes, houve a incumbência de utilizar o Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA), obrigatoriamente, para registro acadêmicos, planos de ensino, notas, frequência, conteúdos e preferencialmente como plataforma de mediação tecnológica digital do processo de ensino-aprendizagem, a partir dos seguintes recursos e atividades: webconferência; fórum de discussão; chat; avaliações; tarefas; questionários; enquetes; notícias; vídeos; referências; arquivos etc. Os aplicativos do ecossistema G Suite for Education (pacote google para educação) poderão ser utilizados como plataforma de mediação tecnológica digital do processo de ensino-aprendizagem, complementando a plataforma SIGAA, a partir dos seguintes recursos e atividades:

- I. Google Hangout Meet para webconferência;
- II. Google Forms (Formulários) para avaliações on-line, tarefas, questionários e enquetes;
- III. Google Drive para compartilhamento de arquivos;
- IV. Google Classroom (Sala de Aula) para notícias, atividades, materiais (vídeos, referências e arquivos);

- V. Google Docs (Documentos) para práticas educativas colaborativas com documentos;
- VI. Google Sheets (Planilhas) para práticas educativas colaborativas com planilhas;
- VII. Google Slides (Apresentações) para práticas educativas colaborativas com slides;
- VIII. Google Sites para práticas educativas baseadas em portfólio.

As ferramentas acima visaram promover aos professores e alunos ampliação das possibilidades no ensino remoto emergencial no período pandêmico.

5 RESULTADOS

Antes de iniciarmos a confecção da cartilha, foi produzido um questionário para os/as professores/as do Curso Técnico Integrado ao Meio Ambiente e para os/as discentes surdos/as desse mesmo curso do Ifal sob orientação do Professor Dr. Diogo Souza para que, através dos resultados obtidos nesse questionário, pudéssemos compreender e ter um panorama sobre as necessidades dos/as discentes surdos/as nesse período pandêmico, relacionado ao uso da tecnologia como meio para manter a continuidade das atividades de ensino.

A necessidade do questionário foi detectada observando as dificuldades que os discentes surdos/as tinham no tocante do ambiente do Google, sendo necessário uma intervenção que pudesse sanar as dúvidas que esses alunos enfrentavam. Após o diagnóstico preliminar dessa situação, precisávamos coletar informações que corroborassem com essa problemática e então desenvolver um material que auxiliassem na boa condução desses alunos no aprendizado no ambiente virtual.

Figura 1 - Questionário EPT Professores

Pesquisa de Inclusão Digital para Educação Profissional Tecnológica - EPT

A pesquisa "Inclusão Digital para Estudantes Surdos/as: ambientação de ferramentas tecnológicas do Google Sala de Aula" visa compreender os desafios que os/as professores/as encontram ao alinhar a tecnologia ao processo de ensino e aprendizagem para discentes surdos/as. A partir da escuta feita por meio deste formulário com os/as docentes, será confeccionada uma Cartilha, vinculada ao Instituto Federal de Alagoas, que abordará aspectos relacionados à usabilidade da tecnologia na mediação do conhecimento, tendo como objetivo fazer um material adaptado às necessidades específicas dos estudantes surdos. A Cartilha conterá orientações de uso e formas de acesso às principais ferramentas do Google Sala de Aula utilizadas nesse período pandêmico.

Perguntas:

- 1) Nome.
- 2) SIAPE.
- 3) Disciplina.
- 4) Módulo em que atuou.
- 5) Turma em que atuou.
- 6) Se já fazia uso do Google Sala de Aula antes do Ensino Remoto Emergencial.
- 7) Quais os recursos do Google Sala de Aula foram mais utilizados nos momentos síncronos e assíncronos.
- 8) Se a capacitação para o uso do Google da Sala de Aula para os/as discentes foi suficiente para os/as estudantes surdos/as.
- 9) Qual percepção sobre o uso do Google Sala de Aula feito pelos/as estudantes surdos/as.
- 10) O que poderia ser melhorado para oferecer mais acessibilidade ao/a estudante surdo/a no Google Sala de Aula.
- 11) Se os docentes acreditavam que uma cartilha Tutorial para a utilização do Google Sala de Aula seria um recurso válido para a promoção da inclusão.

Fonte: elaborado pelo autor

Figura 2 - Questionário EPT Alunos

Pesquisa de Inclusão Digital para estudantes surdos/as

Esta pesquisa visa coletar informações sobre o panorama das aulas do Ensino Remoto Emergencial (ERE) para construir uma Cartilha de dicas para o uso do Google Sala de Aula, adaptada para estudantes surdos/as.

Perguntas:

- 1) Nome.
- 2) Número de Matrícula.
- 3) Curso/Série.
- 4) Se já faziam o uso do Google Sala de Aula antes do Ensino Remoto Emergencial.
- 5) Quais os recursos do Google Sala de Aula foram mais utilizados pelos alunos/as nos momentos síncronos e assíncronos?
- 6) Se eles achavam que a capacitação para o uso do Google da Sala de Aula para os/as discentes foi suficiente para os/as estudantes surdos/as.
- 7) Qual a principal dificuldade em usar o Google sala de Aula.
- 8) O que poderia ser melhorado para oferecer mais acessibilidade ao/a estudante surdo no Google Sala de Aula.
- 9) Se eles acreditavam que uma cartilha Tutorial para a utilização do Google Sala de Aula seria um recurso válido para a promoção da inclusão.

Fonte: elaborado pelo autor

De acordo com a análise do questionário respondido pelo corpo docente, podemos constatar que houve interação de 15 professores/as e que 60% deles afirmaram que uma Cartilha que demonstrasse um passo a passo sobre a utilização do Google Sala de Aula seria um recurso válido para a promoção da inclusão desses/as alunos/as no ERE, uma vez que essas docentes relataram dificuldades quanto ao entendimento desses alunos no ambiente virtual. Na pesquisa realizada com os/as alunos/as, obtivemos feedback que nos ajudaram a consolidar o

entendimento sobre a confecção da Cartilha para que a mesma pudesse servir de auxílio no aprendizado no ambiente do Google Sala de Aula.

As informações foram coletadas via questionário criado no próprio ambiente do Google - Google Forms - onde foi constatado e confirmado pelos docentes e discentes surdos/as essa lacuna. Os resultados coletados resultaram na elaboração de um material que contribuísse na resolução dessa deficiência. A partir dessa confirmação iniciamos a elaboração da cartilha, mapeamos os pontos chaves no ambiente do Google que os alunos mais sentiam dificuldades e então confeccionamos desse material visual e de fácil entendimento para os discentes surdos/as. Vale ressaltar que a cartilha não foi aplicada na prática, sendo estabelecido um planejamento de aplicação juntos aos discentes do Instituto Federal de Alagoas, polo Marechal Deodoro.

6 CARTILHA DE ORIENTAÇÕES BÁSICAS DO GOOGLE SALA DE AULA

Segundo o Censo de 2010 do IBGE, no Brasil há 9,7 milhões de pessoas com deficiência auditiva. Desses, 2.147.366 milhões apresentam deficiência auditiva severa, situação em que há uma perda entre 70 e 90 decibéis (dB). Cerca de um milhão são jovens até 19 anos. A Lei nº 11.796/2008 foi criada para que a sociedade brasileira reflita acerca do respeito aos direitos dos cidadãos brasileiros com deficiência auditiva. Muitas realizações já foram feitas para melhorar a comunicação e a inclusão destas pessoas.

Entretanto, muito ainda há de ser realizado, adaptado no trabalho, na escola, enfim, em todos os lugares. O Decreto 5.626/2005 torna obrigatório o ensino da Língua Brasileira de Sinais nos cursos de formação de professores e a educação bilíngue nas escolas onde estejam matriculados alunos/as com deficiência auditiva. O documento também obriga os órgãos públicos a terem Tradutores/as e Intérpretes de Libras para facilitar o atendimento aos cidadãos/ãs surdos/as.

A cartilha que idealizamos visa promover a inclusão dos/as estudantes surdos/as, sobretudo quanto a usabilidade no Google Sala de Aula no período pandêmico. Esse material foi pensado nas necessidades desses/as alunos/as, tendo o seu conteúdo configurado numa linguagem acessível, principalmente no aspecto visual, trabalho esse que pudesse chamar a atenção desse público e, assim, atingir o seu objetivo principal, que é contribuir com a compreensão do Google Sala de Aula. A proposta de uma Educação Inclusiva necessita de constante aperfeiçoamento e envolve a formação de uma equipe escolar capaz de lidar com as

diversas situações que possam surgir e criar uma métodos de ensino eficientes para cada aluno surdo, que deve contar com o apoio familiar e, sobretudo, com o apoio da instituição de ensino.

Um total de quarenta imagens foram tiradas e confeccionadas. Houve a marcação dos elementos que pudesse facilitar a compreensão dos/as alunos/as nas imagens. Foi estabelecido o sequenciamento de modo que proporcionasse um entendimento linear de como os/as discentes deveriam seguir nas telas do Google Sala de Aula. As imagens foram organizadas e, em seguida, foram trabalhadas no editor de imagens profissional, etapa que exigiu bastante esforço e que também foi um grande desafio.

Estabelecemos que as imagens iriam ocupar o interior de um notebook no centro na página, dando visibilidade ao leitor e proporcionando uma experiencia agradável de leitura. Acordamos que as frases que explicariam as telas deveriam ser elaboradas com um português bem didático que objetivasse a máxima compreensão dos/as alunos/as. Ainda sobre as frases, elas passaram pela análise do orientador e do orientando, que apreciou uma a uma de modo que elas estivessem enquadradas no projeto de acessibilidade que norteariam os objetivos deste trabalho. Segue uma demonstração da estrutura da cartilha, bem como aspectos técnicos e de designer:

Figura 1 - Imagem da Cartilha



Fonte: elaborado pelo autor

Figura 2 - Imagem da Cartilha



Fonte: elaborado pelo autor

Figura 3 - Imagem da Cartilha



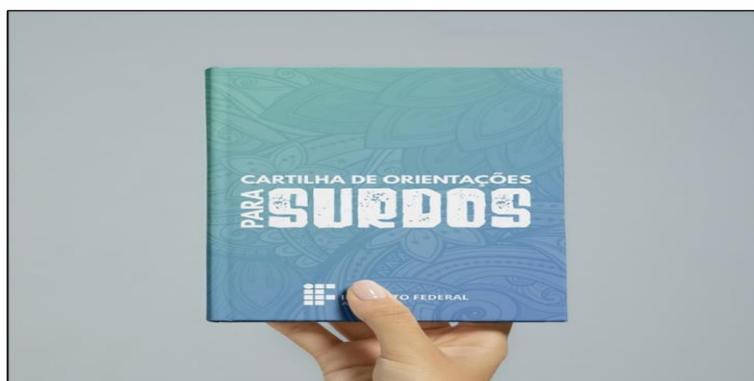
Fonte: elaborado pelo autor

Figura 4 - Imagem da Cartilha



Fonte: elaborado pelo autor

Figura 5 - Imagem da Cartilha



Fonte: elaborado pelo autor

Figura 6 - Imagem da Cartilha



Fonte: elaborado pelo autor

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredita-se que esse trabalho pode contribuir muito no projeto de acessibilidade linguística e digital dos discentes surdos/as para fortalecer o aprendizado e garantir a continuidade dos estudos no período pandêmico. A busca de mecanismos que atendam às necessidades individuais de inclusão é imprescindível para que tenhamos uma sociedade mais justa e com oportunidades para todos.

O desenvolvimento dessa cartilha trouxe um ganho, não só para os alunos que venham a usá-la como apoio no ambiente de aprendizado, mas também para mim, como estudante e profissional da área de tecnologia. Eu nunca tive essa percepção acerca da educação dos surdos, sobre os desafios dos professores no dia a dia com esses alunos, as dificuldades e barreiras tecnológicas que norteiam essa parcela da sociedade e que precisa ser superada.

Por fim, esperamos os estudantes surdos do Ifal e de outras Instituições de Ensino que usam o ecossistema G Suíte For Education, possam apreciar o trabalho, e que através dele possam superar, ainda que em parte, as dificuldades encontradas no Google Sala de Aula. Assim, será proporcionado uma cartilha que promova um rico e proveitoso aprendizado, além de ampliar o acesso à informação, de modo que quanto mais efetiva e abrangente a comunicação, maior será o número de alunos/as que terão acesso a conteúdos educativos que contribuam para seu desenvolvimento integral.

REFERÊNCIAS

- Ali, W. (2020). **Online and Remote Learning in Higher Education Institutes: A Necessity in light of COVID-19 Pandemic**. *Higher Education Studies*, 10(3). Recuperado de <https://doi.org/10.5539/hes.v10n3p16>.
- AQUINO, E. M. L. (2020). **Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19: potenciais impactos e desafios no Brasil**. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, 25 (1), 1, 2423-46.
- BERSCH, R. **Introdução à Tecnologia Assistiva**. Porto Alegre, 2017. Disponível em: <https://www.assistiva.com.br>. Acessado em 12 dez 2021.
- BRASIL. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**, obra coletiva de autoria do Ministério Público do Trabalho, 2015.
- COLLUCCI, J. Consciência fonológica e aquisição de leitura e escrita. IN: _____ **Alfabetização e Letramento: prática reflexiva no processo educativo**. RODRIGUES, A. & FORTUNATO, M. (Orgs). São Paulo, Humanitas: 2017. p. 223 – 233.
- Corrêa Filho, H. R., & Segall-Corrêa, A. M. (2020). **Lockdown ou vigilância participativa em saúde? Lições da Covid-19**. *Saúde debate*, 44(124), 08. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/0103-1104202012400>.
- Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe **sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000**. *Diário Oficial da União*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm. Acesso em 26 set 2021.
- GESSER, A. **Libras? Que língua é essa?** São Paulo: Parábola, 2009.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.
- Language**. Listok Press, Silver Spring, MD.
- Lei nº 11.796, de 29 de outubro de 2008**. Institui o Dia Nacional dos Surdos. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2008/lei11796-29-outubro-2008-582804-publicacaooriginal-105594-pl.html>. Acesso em 20 set 2021.
- LUZ, R. **Cenas surdas: os surdos terão lugar no coração do mundo?** São Paulo, Parábola: 2013. p. 33 – 68.
- MEZEZES, A. & SILVA, R. **Inclusão Educacional: A Importância da Formação Continuada de Professores na Oferta de uma Educação Para Todos** IN: Organizada por: Menezes, Adriane Melo de Castro; Menezes, Suely Melo de Castro. **Anec Coletânea Inclusão**. Brasília, 2020. p. 172 – 187.

MIKLOS, J. Os desafios das tecnologias da educação. IN: **Alfabetização e Letramento: prática reflexiva no processo educativo**. RODRIGUES, A. & FORTUNATO, M. (Orgs). São Paulo, Humanitas: 2017. p. 289 – 304. .

O ouvinte e a surdez: **sobre ensinar e aprender Libras**. São Paulo: Parábola, 2012.

QUADROS, R. & SHIMIÉDT, M. **Ideias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília, MEC, SEESP, 2006. SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p. 13 – 26.

Quadros, Ronice Müller de. **Ideias para ensinar português para alunos surdos** / Ronice Muller Quadros, Magali L. P. Schmieidt. – Brasília: MEC, SEESP, 2006. 120p